
**NA VERTIGEM
DO DIA**

**PREFÁCIO
ALCIDES VILLAÇA**

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Ferreira Gullar

Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Elaine Ramos

Preparação

Carina Muniz

Revisão

Marina Nogueira

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Gullar, Ferreira, 1930-2016

Na vertigem do dia / Ferreira Gullar ; prefácio de
Alcides Villaça. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das
Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2868-6

1. Poesia brasileira I. Villaça, Alcides. II. Título.

17-00674

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

7 Nota

9 Prefácio

Alcides Villaça

27 NA VERTIGEM DO DIA (1980)

- 29 Minha medida
- 30 Traduzir-se
- 32 Arte poética
- 33 Subversiva
- 34 Poema obsceno
- 36 Espera
- 37 Bananas podres
- 48 O espelho do guarda-roupa
- 51 A ventania
- 54 Cantiga do acaso
- 56 Bicho urbano
- 57 ÓVNI
- 58 Um sorriso

- 59 Mau cheiro
60 Bananas podres 2
64 Homem sentado
65 Morte de Clarice Lispector
66 O poço dos Medeiros
67 Lições da arquitetura
69 A alegria
70 Ao rés do chão
71 A voz do poeta
72 Primeiros anos
74 Digo sim
76 Improviso para a moça do circo
82 Improviso ordinário
sobre a Cidade Maravilhosa
-

91 **Sobre o autor**

Nota

Desta edição de *Na vertigem do dia* foram excluídos oito poemas, já publicados em *Dentro da noite veloz*, a partir de sua terceira edição. São os seguintes: “Passeio em Lima”, “Dois poemas chilenos”, “Cantiga para não morrer”, “Exílio”, “Vestibular”, “Vendo a noite”, “Boato” e “Uma voz”.



**NA VERTIGEM
DO DIA
(1980)**

Minha medida

Meu espaço é o dia
de braços abertos
tocando a fímbria de uma e outra noite
o dia
que gira
colado ao planeta
e que sustenta numa das mãos a aurora
e na outra
um crepúsculo de Buenos Aires

Meu espaço, cara,
é o dia terrestre
quer o conduzam os pássaros do mar
ou os comboios da Estrada de Ferro Central do Brasil
o dia
medido mais pelo meu pulso
do que
pelo meu relógio de pulso

Meu espaço — desmedido —
é o pessoal aí, é nossa
gente,
de braços abertos tocando a fímbria
de uma e outra fome,
o povo, cara,
que numa das mãos sustenta a festa
e na outra
uma bomba de tempo

Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão;
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;

outra parte,
línguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

Arte poética

Não quero morrer não quero
apodrecer no poema

que o cadáver de minhas tardes
não venha feder em tua manhã feliz

e o lume
que tua boca acenda acaso das palavras
— ainda que nascido da morte —
some-se
aos outros fogos do dia
aos barulhos da casa e da avenida
no presente veloz

Nada que se pareça
a pássaro empalhado múmia
de flor
dentro do livro
e o que da noite volte
volte em chamas
ou em chaga
vertiginosamente como o jasmim
que num lampejo só
ilumina a cidade inteira

Subversiva

A poesia
quando chega
não respeita nada.
Nem pai nem mãe.

Quando ela chega
de qualquer de seus abismos
desconhece o Estado e a Sociedade Civil
infringe o Código de Águas
relincha
como puta
nova
em frente ao Palácio da Alvorada.

E só depois
reconsidera; beija
nos olhos os que ganham mal
embala no colo
os que têm sede de felicidade
e de justiça

E promete incendiar o país

Poema obsceno

Façam a festa
cantem dancem
que eu faço o poema duro
o poema-murro
sujo
como a miséria brasileira

Não se detenham:
façam a festa

Bethânia Martinho
Clementina

Estação Primeira de Mangueira Salgueiro
gente de Vila Isabel e Madureira

todos
façam

a festa
enquanto eu soco este pilão
este surdo
poema
que não toca no rádio
que o povo não cantará
(mas que nasce dele)

Não se prestará a análises estruturalistas
Não entrará nas antologias oficiais
Obsceno
como o salário de um trabalhador aposentado

o poema
terá o destino dos que habitam o lado escuro do país
— e espreitam.